

Por um futuro outro

Thiago Ranniery¹

Resenha do livro:

BUTLER, Judith. *Parting ways: jewishness and the critique of zionism*. Nova York: Columbia University Press, 2012.

Existia, no passado, um funcionário chamado *lembrete*, alcunha que era um eufemismo para cobrador de dívidas: sua tarefa consistia em “lembrar às pessoas o que elas gostariam de ter esquecido” (Burke, 2000: 89). Talvez, de modo profundamente ambivalente, quem sabe pesaroso, as recentes investidas militares de Israel à Faixa de Gaza sirvam como um destes lembretes da história: é sob o signo da urgência que subsiste a questão palestina, a qual parte considerável da comunidade internacional gostaria, de fato, de ter esquecido. Este, que tem sido um tema de debate corrente, retorna para o centro do palco da política mundial sempre que o sangue palestino ou israelense é derramado. Todavia, alguma coisa mudou nos últimos anos, particularmente após os conflitos entre forças desproporcionais. Tornou-se difícil falar de “dois lados” em um conflito que envolve a investida de uma força militar estatal contra uma maioria de civis desarmados. Uma desproporcionalidade que cobra as dívidas para com um povo, à espera por quase 70 anos do cumprimento de uma resolução da Organização das Nações Unidas que permita o retorno às suas terras. O desequilíbrio cada vez maior de forças não é o único motivo pelo qual a balança pende a favor do povo palestino diante de imagens da guerra difundidas pela televisão.

1 Programa de Pós-Graduação em Educação (ProPEd) - Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) - Rio de Janeiro - Brasil - t.ranniery@gmail.com

A sociedade civil palestina se fez ouvir com mais força, especialmente por meio de protestos não violentos, como se vê nas produções cinematográficas *Bil'in My Love* e *5 Broken Cameras*, mas sobretudo na chamada para uma campanha internacional contra Israel, lançada em 2005, intitulada *Boycott, Divestment and Sanctions*. Inspirada nos modelos de boicote à África do Sul durante o *apartheid*, o movimento BDS, como é conhecido, recebeu apoio de nomes influentes da política e da comunidade acadêmica, incluindo Desmond Tutu, Nelson Mandela, Angela Davis e Alice Walker. Em sua amplitude, também atraiu apoio de um número crescente de ativistas judeus contra a violência do Estado israelense, incluindo grupos como *Jewish for Peace* e nomes como Naomi Klein e Judith Butler. Uma recente publicação espanhola, organizada por Luz Gomez, *BDS por Palestina*, compilou textos que explicam as ações de BDS contra Israel, inclusive com um capítulo de Judith Butler (2014), originalmente uma conferência realizada no *Brooklyn College* e publicada pelo jornal *The Nation*. A legitimidade crescente do BDS é um sintoma de mudanças oportunas na questão palestina que também revela o quanto ela se tornou uma questão judaica.

O fato de o nome de Judith Butler voltar a circular, especialmente nas redes sociais, em tom quase sempre sensacionalista, como a “filósofa judia declarada como inimiga do Estado de Israel”, pareceu-me um considerável motivo para retornar a *Parting Ways: jewishness and the Critique of Zionism*. Com que sentido? A pergunta lembra outra: “que há de *queer* nos estudos *queer* hoje?”. Essa questão foi o título de um editorial de David Eng, Jack Halberstam e José Muñoz (2005) para a revista *Social Text*, e fornece elementos para afiançar a contemporaneidade dos estudos *queer* desde que reorientem a atenção crítica para o significado da democracia e da liberdade entre economias políticas, geopolíticas da guerra e do terror e manifestações nacionais de hierarquias baseadas em sexo, raça e gênero. Para a minha geração, que tem mais ou menos a mesma idade da primeira edição de *Gender Trouble*, de 1990 – um de seus mais conhecidos livros no Brasil –, o nome de Butler evoca de pronto uma mudança de orientação do pensamento: a “catedral *queer*” (Sutherland, 2014). Lançado em 2012, sem tradução para o português, *Parting ways* surge como um convite para sobrepor as figuras de uma autora explicitamente associada aos estudos *queer*. Nem obra, nem autora são mônadas fechadas, e as circunscrições excessivas inibem os deslocamentos que farão com que os mesmos conceitos possam polinizar territórios outros. O que faz também com que me ressinta da acentuada artificialidade do gênero da resenha. Explícito, assim, que se trata, antes, de uma leitura, não a única, nem a última possível e, senão obrigatoriamente interessante, ao menos deliberadamente interessada.

Mais de sessenta anos atrás, um movimento semelhante à adoção intelectual da comunidade internacional ao BDS ocorreu na opinião pública. Em 1960, até o final da guerra de independência da Argélia, 121 escritores, artistas e intelectuais franceses, incluindo Maurice Blanchot, Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir, Guy Debord e André Breton, assinaram um manifesto em favor da causa argelina e do direito de insubordinação militar. O manifesto objetivava tornar pública a crescente resistência à guerra declarada pela França, na tentativa de conferir legitimidade a ações que foram consideradas ilegais pelo Estado francês, como a deserção do Exército e a assistência material ao movimento nacionalista argelino. A mais visível de uma longa série de denúncias públicas – incluindo, em 1958, a publicação do relato de Henri Alleg sobre a tortura e, em 1960, o julgamento de apoiantes da Frente Nacional de Libertação da Argélia – foi a Declaração sobre o Direito de Insubordinação na Guerra da Argélia. Conhecido como o “Manifesto dos 121”, este documento deu voz aos cidadãos franceses que se recusavam a cumprir com uma guerra colonial travada em seu nome. Para tomar de empréstimo a expressão do filósofo francês Jacques Rancière, estes eram cidadãos franceses desidentificados com o Estado nacional.

Em um artigo intitulado *The cause of the Other*, Rancière (1998) desenvolve o conceito de desidentificação em relação a um evento que ocorreu um ano após a publicação do Manifesto. 17 de outubro de 1961 marca o massacre, no centro de Paris, de cerca de 200 civis argelinos que protestavam contra um toque de recolher racista. Em seu relato, essa data traça um momento de desidentificação com um Estado que pretendia agir em nome dos franceses. Primeiro passo para o que chama de subjetivação política, desidentificação é uma recusa a identificar-se com um certo “eu” – neste caso, o cidadão francês definido pelo Estado-nação em oposição a seus súditos coloniais. Igualmente significativos são os passos seguintes do processo de subjetivação política: a relação com um outro que constitui a comunidade definido por um certo “mal” e uma identificação impossível com esse outro. Subjetivação política exige, portanto, uma desidentificação e uma identificação impossível, uma recusa de um “si mesmo” e a adoção da causa do outro, que permanece, no entanto, inapreensível. E se presumo que este movimento afina-se ao desidentificar-se, no sentido proposto por Muñoz (1999), em outro contexto, é porque tal exercício envolve atravessar um terreno perigoso, fazer e romper alianças e redefinir significados e sensibilidades.

Parting Ways começa com esse movimento de responder a uma pergunta já formulada por Butler (2003: 21), de modo bem mais sucinto, em um ensaio para a *London Review of Books*: “O que estamos a fazer com os judeus que se

desidentificam com Israel ou, pelo menos, com o Estado de Israel?”². O livro constitui uma expressão da desidentificação de Butler com o Estado de Israel. Logicamente, é muito mais do que isso: é uma leitura rigorosa de filósofos judeus como Emmanuel Levinas, Walter Benjamin e Hannah Arendt; um compromisso generoso com os escritos de Edward Said, Primo Levi e Mahmoud Darwish sobre o conflito entre Israel e Palestina; e uma demonstração notável das formas pelas quais a filosofia nos permite apreender o presente da Palestina e de Israel e imaginar seu futuro de outras maneiras. Uma citação de Foucault (1980: 39) pode ser ilustrativa desse movimento da escrita de Butler: “Tento provocar uma interferência entre nossa realidade e o que sabemos de nossa história passada. Se sou bem-sucedido, essa interferência produzirá efeitos reais sobre nossa história presente. (...) Espero que a verdade de meus livros esteja no futuro”. Butler emoldura, assim, leituras cuidadosas de textos filosóficos, políticos e poéticos, fazendo-os servir à sua própria relação com o sionismo. Questionando qualquer possibilidade de circunscrição em um registro teórico disciplinar específico, outro tipo de investigação fascina: aquela que questiona as bases sobre as quais certos tipos de direitos de legitimidade acadêmica são mantidos e insiste em caracterizar a operação crítica como algo que emerge dos espaços intersticiais. Um trabalho que reproduz e altera referências, no qual esses sequestros intelectuais não perdem de vista uma intersecção incomensurável entre a política e a ética.

Como outros intelectuais que denunciaram o tratamento dado aos palestinos por Israel, Butler se sente compelida a fazer uma réplica pública a um Estado que diz falar em seu nome. Essa não é sua primeira incursão na questão, embora seja seu primeiro livro inteiramente dedicado ao tema. Com base em mais de uma década de reflexão sobre a violência de Estado, *Parting Ways* segue as publicações *Prekarious Life* e *Frames of war*, bem como as muitas entrevistas e ensaios que se ocupam da difícil tarefa de criticar ações do Estado israelense – uma tarefa que tem provocado a acusação de antissemitismo ou de auto-ódio³. Conhecida por seu trabalho sobre gênero, Butler tem aplicado o mesmo rigor filosófico que se fez tão presente em seus escritos sobre feminismo a outros problemas políticos, ainda que não inteiramente deslocados das questões de gênero e sexualidade⁴. Questionada pelo cineasta israelense Udi Aloni sobre

2 As traduções apresentadas neste texto são de minha autoria. Informo, entretanto, que os trechos de poemas foram mantidos no idioma original.

3 Conferir, por exemplo, como suas críticas ao *Hamas* e ao *Hezbollah* se tornaram um exemplo desta acusação, em Butler (2012).

4 Conferir, a título de exemplo, além do notável trabalho de Puar (2007), Ritchie (2011) e Seguer (2014).

a conexão entre seus primeiros escritos e seus trabalhos mais recentes, Butler (2011: 209) insiste que “*queer* é sobre o intercruzamento de minorias, nunca foi sobre uma política de identidade”. Ao falar de movimentos judaicos que protestam contra Israel: “que é como judeus que eles [esses movimentos] afirmam sua desidentificação com esta política, que buscam ampliar a distância entre o Estado de Israel e o povo judeu a fim de produzir uma visão alternativa de futuro” (Butler, 2003: 20). O fio que liga o seu trabalho sobre gênero com seus últimos é uma resistência crítica a todas as formas de “policiamento de comunidade” (Butler, 2011: 210), seja qual for.

Parting Ways não é, todavia, apenas uma crítica ao sionismo. É também um projeto, esbarrando em outra expressão de Munõz (2010), de futuridade *queer*. Suas leituras voltam-se à formulação de uma concepção não identitária, mas relacional de judaísmo para pavimentar o caminho da coabitação – conceito que toma emprestado de Hannah Arendt – em um Estado Israel-Palestina aberto a todos os seus habitantes, a despeito da etnia, raça ou credo. Para tanto, inspira-se na obra de escritores que refletem sobre a condição da diáspora do judaísmo, posto que, segundo Butler, esta tradição alternativa, coloca o outro no coração do judaísmo:

judaísmo pode e deve ser entendido como um projeto anti-identitário, na medida em que podemos até dizer que ser um judeu implica assumir uma relação ética com o não judeu, e isso decorre da condição diaspórica do judaísmo, na qual viver em um mundo socialmente plural em condições de igualdade continua a ser um ideal ético e político (Butler, 2012: 117).

Judaísmo, em sua perspectiva, é uma existência diante e com o outro, e essa história da alteridade oferece uma oportunidade “para a teorização da coabitação e do binacionalismo” (Butler, 2012: 7). Como Arendt já havia feito antes, Butler tenta repensar o judaísmo como separado de soberania do Estado e do projeto violento de colonialismo perpetrado por Israel. Mas também afasta o seu trabalho de uma crítica exclusivamente judaica do Estado nacional israelense, reivindicando, antes, uma ética interceptada pelo outro. Aplicando esta conceituação em sua própria escrita, Butler se esforça para envolver dois pensadores não judeus que, de forma significativa, atravessam a composição de *Parting Ways*: Edward Said e Mahmoud Darwish. O começo do livro coloca-se sob a égide da obra tardia de Said, especialmente *Freud and the Non-European* e *Reflections on Exile*, que retoma as diásporas palestina e judaica a fim de conceituar a comunidade política Palestina-Israel. Said permite a Butler uma maneira de propor a utilidade política e ética da analogia: longe de fazer entrar em

colapso essas histórias de deslocamento, aparentemente conflitantes, permitem pensar o exílio judaico e palestino juntos. Um movimento que torna possível traçar uma concepção ética da política em que a alteridade é constitutiva de quem se é. Butler, claro, está ciente das armadilhas da comparação: afinal, como fazer confluir o sofrimento dos judeus, sintetizado no Holocausto, com os males relativamente menores do exílio palestino?

No entanto, é a partir do ponto de vista do sofrimento judaico que a autora faz ecoar um apelo de justiça para com os palestinos. Quando adverte contra a traição do sofrimento judeu perpetrada pela violência do Estado de Israel, Butler está em busca de uma memória multidirecional, para usar a terminologia de Michael Rothberg (2009), da diáspora judaica e palestina. Em vez de confrontar o Holocausto com o despejo forçado, em 1948, de setecentos mil palestinos expulsos de suas casas, um evento conhecido em árabe como “a Catástrofe”, a *al-Nakba*, sua pergunta é “se a Shoah e seu sofrimento podem contribuir para um quadro ético e político em um presente que fale contra a violência sancionada pelo Estado” (Butler, 2012: 197). Mantendo um cuidado de distinguir entre os termos hebraico e árabe para catástrofe, *Shoah* e *Nakba*, que designam eventos históricos distintos, Butler insiste em uma produtiva fertilização cruzada da memória, sugerindo que há lições a serem aprendidas por cada um com a história do outro. Certamente, antes que pese a acusação de romantismo, Butler indica que a esperança na conversão do ódio em amor é um modelo equivocado de projeto político. Porém, a despeito das formas éticas e políticas por meio das quais o como viver junto – pergunta tema de um dos últimos cursos de Roland Barthes (2003) – é constituído, nenhuma dessas formas, quaisquer que sejam, oferece licença para recorrer à expulsão e ao genocídio, mesmo aquelas marcadas por explícito antagonismo.

Os capítulos conclusivos de *Parting ways* articulam mais claramente a posição de Butler, separando-a das posições do Estado de Israel, que chega a chamar de formas miseráveis de binacionalismo, exercidas através de diferentes formas de despossessão dos palestinos. Nessa altura, a autora se aproxima mais claramente da formulação de um projeto político específico. Com seu uso do termo binacionalismo e sua invocação de Said em nome da solução de um Estado Israel-Palestina, imagina se tal projeto seria semelhante ao Estado desenhado por Martin Buber e Hannah Arendt, um Estado a proteger qualquer um, independentemente de pertença religiosa ou étnica. Um Estado binacional é necessário porque já existem duas nações presentes no mesmo território, produzindo um argumento pragmático ou, em suas palavras, “descritivo”, familiar aos defensores de que a solução reside na proposição de um Estado. As reivindicações

políticas do sionismo são irrealizáveis em virtude dessa coexistência e, como consequência, Israel “deve continuamente buscar a encobrir a lacuna que existe permanentemente entre a sua pretensão de ser um Estado judeu e de sua luta para manter a vantagem demográfica, porque não é um Estado judeu” (Butler, 2012: 213). Para Butler, a pretensão de definir um Estado como judeu com a correlata exclusão de outras identidades étnico-religiosas, é inaceitável. Sua principal objeção a tal definição vem da normatividade embutida nela: “nenhuma política democrática tem o direito de assegurar vantagem demográfica para qualquer grupo étnico ou religioso em particular” (Butler, 2012: 210).

Se a conclusão de Butler explicita as posições políticas tomadas ao longo de suas leituras, *Parting ways* acaba de um modo muito menos incisivo: o da análise literária. Butler aproxima-se da poesia, em uma tentativa de imaginar a coabitação, justapondo a pergunta que orienta suas leituras – “o que Israel faz ou é sem a despossessão em andamento dos palestinos?” (Butler, 2012: 214) – com o refrão de um poema de Darwish - “*what shall we do without exile?*”. Existe uma provocação nesta justaposição: se os palestinos são constituídos pelo exílio – que é, como disse Said em seus escritos, uma condição judaica – Israel é definido pela despossessão palestina, mais do que pelo exílio judaico. A Palestina já é parte integrante de Israel, o que é necessário é uma revisão completa das formas em que este binacionalismo miserável acontece. Butler desenvolve esse tópico através de sua leitura do poema de Darwish⁵, que, segundo ela, implica “que este terrível enlace tem que se tornar outra coisa e que as formas de exílio constituem uma espécie de sinal para o futuro” (Butler, 2012: 217). Para Butler, o verso de Darwish - *There’s nothing left of me but you, and nothing left of you / but me (...)* – evidencia que a aliança é possível no exílio. Vida e morte continuam, dirão alguns, mais urgentes para a questão palestina que a poesia e a análise literária. Todavia, Butler invoca essa poética do exílio como uma forma de imaginar o futuro – uma tarefa importante para ser deixada apenas à profissionalidade dos políticos.

Essa conclusão pode parecer mais pessimista, mas a pergunta – o que Israel faz ou é sem a despossessão em andamento dos palestinos? – não é apenas uma

5 Mahmoud Darwish (1941-2008) é considerado o poeta da resistência palestina. Nascido em Al Birweh, Galileia, Darwish conviveu com o exílio por quase trinta anos em países com Líbano, Rússia e França, até seu retorno a Israel em 1996, quando se estabeleceu em Ramallah, na Cisjordânia. O poeta foi preso por seu ativismo político, que incluía recitar publicamente poesia em vilarejos em Israel. Foi também um dos fundadores da Organização para a Libertação Palestina, sendo responsável pela editoração do jornal e pela coordenação do centro de pesquisas do grupo até sua saída em 1993 em virtude de sua oposição à assinatura do Acordo de Oslo.

observação negativa de como Israel está ligado aos palestinos e não é nada sem a sua desposseção. É também uma tentativa de indicar o que pode acontecer com Israel se não for definido pela desposseção dos palestinos. No coração da assimetria entre um Estado diante das suas margens constitutivas – para retomar a coletânea organizada por Veena Das e Deborah Poole (2004) – e a relação que Butler estabelece com isso, faz todo sentido retornar à concepção de subjetivação política de Rancière: desidentificação com um Estado que alega agir em seu nome, identificação impossível com aqueles que são por ele violentados. Butler, como judia, desidentifica-se com o Estado, que atua em seu nome, e se identifica, impossivelmente, com os palestinos. Tal movimento, caso seja possível distendê-lo, pode ser desdobrado para tornar o *queer* também uma identificação impossível, em que qualquer fechamento de sentido apresenta um risco para seu revigorante movimento. Quando ameaça converter-se em estagnação, o abalo do presente e a imaginação do futuro provocados por *Parting Ways* engendram um horizonte que permite passar pelo crivo da História a presumida significação de Butler. Parece-me oportuno ler esse livro, nem que seja para escová-lo a contrapelo. O desafio: como abrir linhas para os sentidos com os quais Butler e o *queer* têm sido articulados? Como não personificá-los, fazendo dela um megassujeito e do *queer* um megaprojeto?

Contando com estrutura e expressão excepcionalmente claras, assim como riqueza de sintaxe e linguagem, o texto de Butler sugere que a autora tem feito um esforço significativo para fornecer uma perspectiva inovadora em um debate fervoroso, especialmente para aqueles que a criticaram por sua incapacidade de expressar-se de forma suficientemente clara. A Guerra da Argélia terminou, em grande parte, porque um número crescente de cidadãos franceses se recusou a permitir que o Estado prosseguisse a matar argelinos em seu nome. Paraphrasing Butler: como podemos tirar lições de um conjunto de condições históricas para entender o outro? Na força de ouvir a advertência do que esse lembrete da História pode significar entre nós, que éticas, que políticas e que memórias podem ser agenciadas a partir dessa relação com o Outro? A crítica *queer* pode imaginar futuros que digam não à normatividade, como pergunta Halberstam (2010)? Na esteira de mais um confronto desproporcional em que civis são as principais vidas destituídas de existência, é urgente ouvir que continua a haver resistência judaica às políticas do Estado de Israel, pois há esperança que essa desidentificação possa preparar o terreno para a coabitação. Exercitar traduções desse exercício em outras arenas geográficas e culturais pode ser nossa tarefa premente de habitar um futuro outro. E se este é um projeto irreal, convém lembrar o que Butler colocou de modo eloquente em outro lugar:

A promessa crítica da fantasia, quando e onde ela existe, é desafiar os limites contingentes do que será ou não designado como realidade. Fantasia é o que permite a nós mesmos e aos outros se imaginar de outro modo; é o que estabelece o possível no excesso do real; a fantasia aponta para outro lugar, e quando o corporifica, converte o familiar neste outro lugar (Butler, 2004: 29).

Referências

- BARTHES, Roland. *Como viver junto*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BURKE, Peter. *Variedades de História Cultural*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2000.
- BUTLER, Judith. Conferencia sobre el BDS en Brooklyn College. In: GOMEZ, Luz. (org). *BDS por Palestina*. Madrid, Ediciones del Oriente y del Mediterráneo, 2014, pp. 229-245.
- BUTLER, Judith. Judith Butler responds to attack: 'I affirm a Judaism that is not associated with state violence'. *Mondoweiss*, 27 ago. 2012. Disponível em: <<http://mondoweiss.net/2012/08/judith-butler-responds-to-attack-i-affirm-a-judaism-that-is-not-associated-with-state-violence>>. Acesso em: out. 2015.
- BUTLER, Judith. No, it's not anti-semitic. *London Review of Books*. Londres, v. 25, n. 16, ago. 2003, pp. 19-21.
- BUTLER, Judith. *Undoing gender*. Nova York: Routledge, 2004.
- BUTLER, Judith. There are some muffins there if you want... a conversation on queerness, Precariousness, Binationalism, and BDS. In: ALONI, Udi. (Org). *What does a Jew Want?: on binationalism and other spectres*. Nova York, Columbia University Press, 2011, p. 204-227.
- DAS, Veena; STOOLE, Deborah. *Anthropology in the Margins of the State*. Santa Fe: School of American Research Press, 2004.
- ENG, David; HALBERSTAM, Judith; MUÑOZ, José Esteban. What's Queer about Queer Studies Now?. *Social Text*, v. 23, n. 3-4, pp. 1-17, 2005.
- FOUCAULT, Michel. Foucault étudie la raison d'État. In: *Dits et Écrits III*. Paris, Gallimard, 1980, pp. 37-41
- HALBERSTAM, Judith. *The queer art of failure*. Durham, Duke University Press, 2011.
- MUÑOZ, José Esteban. *Disidentifications: queers of color and the Performance of Politics*. Minneapolis, University of Minnesota Press, 1999.
- MUÑOZ, José Esteban. *Cruising Utopia*. Nova York, New York University Press, 2009.
- PUAR, Jasbir. *Terrorists assemblages*. Duke, Duke University Press, 2007.

- RANCIÈRE, Jacques. The cause of the other. *Parallax*. Londres, Routledge, v. 4, n. 2, abr./jun. 1998, pp. 25-34.
- RITCHIE, Jason. *Queer checkpoints: sexuality, survival and the paradoxes of sovereignty in Israel-Palestine*. Tese de doutorado em Antropologia, Universidade de Illinois-Urbana, Illinois, 2010.
- ROTHBERG, Michael. *Multidirectional memory: remembering of the Holocaust in the age of decolonization*. Stanford, Stanford of University Press, 2009.
- SEGUER, Lucía. De la normatividad queer en la construcción de la nación a la resistencia política queer: un debate en la relación Israel-Palestina. *Universitas Humanística*, v. 78, jul./dez. 2014, pp. 261-280.
- SUTHERLAND, Juan Pablo. Os efeitos políticos-culturais da tradução do queer na América Latina. *Periódicus*. Salvador, Grupo de Pesquisa CUS – Cultura e Sexualidade, Universidade Federal da Bahia, v. 1, n. 1, maio/out. 2014.

Recebido em: 20/10/2014

Aceito em: 20/11/2014

Como citar esta resenha:

- RANNIERY, Thiago. Por um futuro outro. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*. São Carlos, v. 5, n. 2, jul.-dez. 2015, pp. 547-556.